

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Campus Litoral Norte
Licenciatura em Geografia

LÚCIA DANIELA LENZ

**As práticas agroecológicas no município de Paraíso do Sul, RS: o caso do
Grupo Agroecológico Flor e Ser**

Tramandaí, RS

2022

LÚCIA DANIELA LENZ

**As práticas agroecológicas no município de Paraíso do Sul, RS: o caso do
Grupo Agroecológico Flor e Ser**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Geografia
do Curso de Licenciatura em Geografia EAD,
do Departamento Interdisciplinar, do Campus
Litoral Norte da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Michele Lindner

Tramandaí, RS

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Lenz, Lucia Daniela

As práticas agroecológicas no município de Paraíso do Sul, RS: o caso do Grupo Agroecológico Flor e Ser / Lucia Daniela Lenz. -- 2022.

55 f.

Orientador: Michele Lindner.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí, BR-RS, 2022.

1. Agroecologia,. 2. Território. 3. Grupo Flor e Ser. 4. Paraíso do Sul. I. Lindner, Michele, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

LÚCIA DANIELA LENZ

As práticas agroecológicas no município de Paraíso do Sul, RS: o caso do Grupo Agroecológico Flor e Ser

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia do Curso de Licenciatura em Geografia EAD, do Departamento Interdisciplinar, do Campus Litoral Norte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Michele Lindner

Aprovada em: Tramandaí, RS, 19 de janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Dr^a. Michele Lindner
UFRGS

Marcelo Cervo Chelotti
UFRGS

Dr^a. Renata Ferreira da Silveira
Rede Municipal de Canoas

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade, por ter conseguido forças para chegar até aqui, pois os desafios foram muitos.

Agradeço ao meu marido por me incentivar e apoiar sempre, aos meus filhos e familiares, também agradeço carinhosamente aos meus pais, que não estão mais aqui fisicamente, mas sempre me ensinaram a ser persistente para alcançar meus objetivos.

Gratidão à minha orientadora professora Michele Lindner pelo tempo dedicado a minha orientação.

Gratidão por mais uma etapa concluída.

RESUMO

A agroecologia é um tema relevante na sociedade atual, pois, é cada vez maior o número de enfermidades relacionadas à utilização de agrotóxicos. Torna-se necessário rever a questão da produção agrícola, para que seja um modelo sustentável tanto para quem vive no campo quanto na cidade. No esteio desse debate o grupo Flor e Ser Agroecológico do município de Paraíso do Sul no Rio Grande do Sul desenvolve no seu território a agroecologia onde todos participam ativamente de todas as decisões, e pensa a agroecologia como um modo de vida. O objetivo deste trabalho foi conhecer a realidade do território de ação do grupo Flor e Ser Agroecológico, com visitas às propriedades para conhecer como os membros do grupo trabalham e sua visão sobre a agroecologia. Outro momento de desenvolvimento do trabalho foi uma visita ao Feirão Colonial em Santa Maria cidade próxima de Paraíso do Sul que também compreende o território de ação do Grupo Flor e SER, nessa visita foi o momento de conhecer como o grupo comercializa seus produtos e como a CSA que foi desenvolvida para ampliar a área de territorialização. O desenvolvimento da pesquisa foi baseado em uma pesquisa bibliográfica como um suporte teórico ao tema trabalhado, é o embasamento necessário para compreender como a agroecologia é mais que uma forma de manejo da terra e sim um modo de vida sustentável. Esse trabalho mostrou que o grupo Flor e Ser Agroecológico faz a intervenção no território, tanto no município de Paraíso do Sul quanto no município de Santa Maria e está mudando a realidade desses lugares, ainda existem muitos desafios a serem superados, mas com certeza está gerando impactos positivos e desenvolvendo uma ideia de propriedade sustentável.

Palavras-chaves: Agroecologia, Território, Grupo Flor e Ser, Paraiso do Sul.

ABSTRACT

Agroecology is a very relevant topic in today's society, since the number of diseases related to the use of agrochemicals is increasing. It is necessary to review the question of agricultural production, so that it becomes a sustainable model both for those who live in the countryside and in the city. In the wake of this debate, the group Flor e Ser Agroecológico from Paraíso do Sul, Rio Grande do Sul, develops agroecology in its territory, where everyone actively participates in all decisions, and thinks of agroecology as a way of life. The objective of this work was to get to know the reality of the territory of action of the group Flor e Ser Agroecológico, with visits to the properties to learn how the members of the group work and their vision of agroecology. Another moment of the work's development was a visit to the Feirão Colonial in Santa Maria, a city close to Paraíso do Sul, which also comprises the territory of action of the Flor e Ser group. This visit was the moment to get to know how the group commercializes its products and the CSA that was developed to expand the territorialization area. The development of the research was based on a bibliographic research as a theoretical support to the theme worked, it is the necessary foundation to understand how agroecology is more than a form of land management but a sustainable way of life. This work showed that the group Flor e Ser Agroecológico is intervening in the territory, both in the municipality of Paraíso do Sul and in the municipality of Santa Maria and is changing the reality of these places, there are still many challenges to be overcome, but it is certainly generating positive impacts and developing an idea of sustainable property.

Keywords: Agroecology, Territory, Flor and Ser Group, Paraiso do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização do município de Paraíso do Sul, RS.....	30
Figura 2 – Banner na banca no Feirão Colonial em Santa Maria.....	33
Figura 3 – Banner da CSA.....	35
Figura 4 – Cesta de produtos entregues para a CSA.....	36
Figura 05 - Propriedade do Agricultor Entrevistado 01.....	39
Figura 06 - Propriedade da Agricultora Entrevistada 02.....	40
Figura 07 - Propriedade do Agricultor Entrevistado 03.....	41
Figura 08 - Propriedade do Agricultor Entrevistado 04.....	43
Figura 09 - Feirão Colonial, Santa Maria, RS.....	45
Figura 10 – Produtos no Feirão Colonial, Santa Maria- RS.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produção Agropecuária de Paraíso do Sul.....	32
--	-----------

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
3.1	A definição de agroecologia	16
3.2	Os impactos sociais e ambientais da agroecologia	21
3.3	Territórios e territorialização das práticas agroecológicas	23
4	A PESQUISA	28
4.1	O Município de Paraíso do Sul	28
4.2	O grupo agroecológico Flor e Ser	32
4.3	A territorialização do Grupo Flor e Ser: os produtores agroecológicos, produção e comercialização	37
4.3.1	Os produtores agroecológicos do Grupo Flor e Ser	37
4.3.2	<i>A comercialização e territorialização do Grupo Flor e Ser</i>	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48

1 INTRODUÇÃO

O tema agroecologia nos dias de hoje tem sido um desafio para os agricultores, em especial as pequenas propriedades de caráter familiar, pois, após a chamada Revolução Verde na década de 60 se instalou um novo conceito na agricultura que é baseado na mecanização e na utilização de defensivos agrícolas em larga escala. Essa industrialização da agricultura aumentou a disparidade entre grandes latifundiários e os pequenos agricultores, e também mudou a dinâmica da produção com o uso de agrotóxicos de forma muitas vezes indiscriminada e atendeu a lógica do mercado, e inclusive fez com que os pequenos agricultores ficassem dependentes da indústria. Romper com a lógica do mercado não é tarefa fácil, pelo contrário exige uma série de desafios, sair de sua zona de conforto, assistência técnica, e um espaço para comercializar os produtos. Assim, a pesquisa buscou entender os desafios presentes para quem opta pela agroecologia e sobretudo por uma qualidade de vida.

O município de Paraíso do Sul tem sua base econômica nas culturas de arroz e de tabaco, que são conhecidas pelo uso excessivo de agrotóxicos e terem uma cadeia produtiva ligada à indústria dessas culturas. Nesse sentido as práticas agroecológicas desenvolvidas por alguns pequenos agricultores de Paraíso do Sul, representam a resistência campestre, pois, privilegia o conhecimento ancestral e tem na harmonia com a natureza sua principal premissa.

Tanto o arroz como o tabaco são produtos que têm uma garantia de compra por parte da indústria e isso faz com que o agricultor se sinta mais "seguro" e procure continuar esse ciclo evitando correr riscos. Portanto, a agroecologia torna-se um imenso desafio por tentar romper com uma lógica de mercado que transmite uma falsa segurança às famílias de pequenos agricultores.

Além da agroecologia proporcionar a entrada em um novo e promissor nicho de mercado, as famílias deixam de estar subordinadas aos preços determinados pela indústria arroseira ou do tabaco. A agroecologia propicia uma melhor qualidade de vida, pois, é de conhecimento que os agrotóxicos utilizados em outras culturas causam diversos malefícios à saúde humana, o que não ocorre na agroecologia que não trabalha com o uso de defensivos químicos.

Nesse sentido, o estudo foi embasado em pesquisas bibliográficas bem como em experiências de produtores rurais, campestres, que vivenciam as práticas

agroecológicas, produzindo alimentos livres de agrotóxicos e respeitando e preservando a vida como um todo. No contato com produtores, buscou-se observar a relação de respeito e responsabilidade com a vida em todas as formas, o uso de técnicas, mas também o uso de conhecimento ancestral e a afinidade que as pessoas têm com a natureza e o reflexo desta prática na qualidade de vida como vivências muito significativas.

Assim, o trabalho teve como objetivo geral conhecer as práticas agroecológicas presentes em pequenas propriedades rurais do município ligadas ao Grupo Agroecológico Flor e Ser de Paraíso do Sul e seus desafios.

Para alcançar esse objetivo, buscou-se através dos objetivos específicos: Entender o conceito de agroecologia e suas particularidades; Identificar pequenos produtores do Grupo Agroecológico Flor e Ser que desenvolvem práticas agroecológicas no espaço rural do município de Paraíso do Sul; Compreender os desafios e perspectivas dos produtores envolvidos e a territorialização das práticas agroecológicas; Entender a percepção dos produtores sobre os impactos ambientais e sociais da atividade agroecológica.

A primeira parte do trabalho se refere à introdução e posteriormente na segunda parte se detalha os procedimentos metodológicos, o tipo de pesquisa e seu embasamento teórico. Também foi explicado como é a constituição do Grupo Flor e Ser Agroecológico, quem participa e a área de atuação do grupo. O trabalho traz em sua terceira parte um levantamento bibliográfico através de um referencial teórico, onde as produções acerca da agroecologia dão o embasamento do trabalho. Na quarta parte é apresentada a territorialização do grupo, trazendo informações das entrevistas com os agricultores nas visitas às propriedades, e também o relato da integração com os moradores da zona urbana integrantes da CSA (Comunidade Sustenta a Agricultura) que são considerados co-agricultores. Por fim, são trazidas as considerações finais, onde são feitas ponderações quanto aos resultados obtidos na pesquisa e sua relevância para a comunidade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é parte importante desse trabalho, é como a pesquisa vai ser desenvolvida para que se alcance os objetivos propostos, é de certa forma o caminho que a pesquisa vai seguir. É como Zanella (2009) define, um jeito ou a maneira que a pesquisa vai se desenvolver, ou seja, quais os caminhos que vão ser seguidos.

Em ciências, método é a maneira, é a forma que o cientista escolhe para ampliar o conhecimento sobre determinado objeto, fato ou fenômeno. É uma série de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingir determinado conhecimento. (ZANELLA, 2009 p.57)

O conhecimento sempre é construído nas experiências teóricas e práticas, elas não se separam, muito pelo contrário. Método e a teoria são indissociáveis, eles caminham juntos, é a chamada práxis, como aponta Minayo (2007 et al.).

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. (MINAYO et al., 2007 p.7)

Nesse contexto, a primeira etapa da pesquisa consistiu em uma pesquisa bibliográfica sobre os impactos da agroecologia no país e as experiências até agora realizadas com autores que desenvolveram uma série de pesquisas nesse sentido. A importância da pesquisa bibliográfica está na amplitude das possibilidades que o pesquisador pode ter conforme Gil (2010):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários. (GIL, 2010, p.69)

Nesse contexto, a pesquisa desenvolvida sobre a produção agroecológica no município de Paraíso do Sul, RS, é do tipo exploratória, pois, segundo Gil (2010) ela permite desenvolver e esclarecer ideias e conceitos sobre o tema pesquisado.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. (GIL, 2010, p.46)

A flexibilidade da pesquisa exploratória permite uma maior dimensão ao tema estudado, e as possibilidades de compreensão e de maior liberdade de investigação do problema.

No que se refere a amostra da pesquisa, foi uma amostra intencional, esse tipo de amostra tem como característica o pesquisador escolher a população estudada que tem relação direta com o tema pesquisado conforme Gil (2010).

Também constitui um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população. A principal vantagem da amostragem por tipicidade está nos baixos custos de sua seleção. Entretanto, requer considerável conhecimento da população e do subgrupo selecionado. Quando esse conhecimento prévio não existe, torna-se necessária a formulação de hipóteses, o que pode comprometer a representatividade da amostra. Por exemplo, para escolher uma cidade típica, com vistas em um estudo sobre o país, o pesquisador deverá procurar uma cidade cuja distribuição de renda seja semelhante à do país como um todo, cujo nível de industrialização se aproxime do nível do país etc. O fato de ser uma cidade típica em relação a alguns aspectos não assegura que o seja em relação a outros. Daí por que a generalização a partir de uma amostra desse tipo pode ser bastante arriscada. (GIL, 2010 p.113)

Assim, foram selecionadas famílias do Grupo Agroecológico Flor e Ser do município de Paraíso do Sul, por meio de entrevistas direcionadas a elas, esses questionamentos tem como objetivo saber o quanto a agroecologia transformou a realidade local, e qual a visão dessas famílias sobre agroecologia, já que faz parte do seu dia a dia.

Essas entrevistas foram de suma importância, pois, a realidade da pesquisa em campo elas qualificam o projeto, é in loco que que a pesquisa tem uma dimensão maior, é onde a teoria se encontra na prática conforme Minayo (et al. 2007)

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. Por vários motivos. Primeiro porque a realidade não é transparente e é sempre mais rica e mais complexa do que nosso limitado olhar e nosso limitado saber. Segundo, porque a eficácia da prática científica se estabelece, não por perguntar sobre tudo, e, sim, quando recorta determinado aspecto significativo da realidade, o observa, e, a partir dele, busca suas interconexões sistemáticas com o contexto e com a realidade. (MINAYO et al., 2007 p.8)

A entrevista permite o contato com as pessoas que praticam a agroecologia, para que se entenda qual a visão delas em relação a esse assunto. As entrevistas foram realizadas com quatro integrantes do Agroecológico Flor e Ser do município de Paraíso do Sul e um agricultor que está no período de transição para entrar no grupo. Além disso, foi realizada uma entrevista com três co-agricultores, que são integrantes do projeto Comunidade Sustenta a Agricultura (CSA) iniciado em parceria com moradores da zona urbana do município de Santa Maria. As entrevistas foram realizadas nas propriedades dos agricultores e nesse momento foi feita a captura de imagens, o objetivo dessas entrevistas foi de saber como é a experiência deles dentro do grupo e na agroecologia. Já com os co-agricultores a entrevista foi realizada no Feirão Colonial onde o grupo tem uma banca e onde os co-agricultores vão buscar a sua cesta de produtos. Para fazer as entrevistas se utilizou um roteiro que foi respondido oralmente pelos entrevistados e depois foi feita a transcrição dessas entrevistas. Um fator importante que cabe ressaltar é o deslocamento até o município de Paraíso do Sul, pois, sou moradora do município de Santa Cruz do Sul que fica a 80 km de distância, bem como a visita ao Feirão Colonial de Santa Maria, município esse que fica 143 km de distância de Santa Cruz do Sul, essas distâncias apesar de significativas não excluem a pesquisa in loco, pois, conhecer a realidade local exige a presença e a observação do pesquisador.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 A definição de agroecologia

Quando o assunto é agroecologia em um primeiro momento tem-se uma ideia que é o mesmo que agricultura orgânica, porém, agroecologia é muito mais que cultivar alimentos de origem orgânica, é sim sobretudo um modo de vida que privilegia um convívio harmônico com a natureza, ou seja, um modelo de produção que prioriza a vida. Nos últimos anos as questões ambientais fazendo parte de um amplo debate na sociedade, seja, nos meios acadêmicos ou até mesmo no senso comum, as palavras sustentabilidade e reciclagem fazem parte do dia a dia das pessoas, seja na escola, no trabalho ou nas redes sociais com um engajamento de diversos artistas. Mas quando se menciona a utilização de agrotóxicos ou sementes transgênicas na agricultura, o debate ainda é incipiente, pois, o foco está no desmatamento, na destinação do lixo ou na reciclagem, e sem contar o poder do agronegócio e da indústria de fertilizantes faz com que a agroecologia não entre nesse debate, ou na pior das hipóteses é considerado um interesse da classe média ou de artistas engajados. A força do agronegócio no cenário atual cria um consenso de que é a forma mais eficaz de produção e que as outras formas não rendem dinheiro ou são inviáveis em larga escala, enquanto que o agronegócio direciona o debate para o campo econômico e ignora as questões ambientais e sociais.

É por isso que a agroecologia é um contraponto ao agronegócio, pois, busca cultivar alimentos sem causar danos à natureza e tem uma organização com foco na solidariedade e no bem estar da comunidade. A agroecologia não é somente uma nova forma de produzir e sim romper com paradigmas, desafiar a um consenso construído de que é impossível produzir sem utilizar agrotóxicos e em larga escala, mas também é a organização da agricultura familiar enquanto comunidade protagonista da mudança social baseada no desenvolvimento sustentável, onde a solidariedade seja a nova palavra de ordem. Mas o que é afinal a agroecologia? Mais um modo de produção? Ou ela tem algo diferente de outros sistemas? Para muitos autores ela é muito mais que apenas um novo modelo produtivo e sim um modo de vida com um outro enfoque

Essa ideia de mudança se refere a um processo de evolução contínua e crescente no tempo, porém sem ter um momento final determinado. Entretanto, por se tratar de um processo social, isto é, por depender da intervenção humana, a transição agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004 p.12)

A agroecologia segundo Caporal e Costabeber (2004) vai além apenas de produzir alimentos sem agrotóxicos e sim uma nova forma de encarar a própria vida, pois, exige uma mudança de atitudes e valores em relação à terra no que tange ao seu manejo e a utilização de recursos naturais. Também a produção de alimentos não atende a lógica capitalista de produzir para lucrar e sim para se ter um alimento que priorize a saúde e o bem estar, e por isso é fundamental a mudança de mentalidade para o agricultor. Muitas vezes Agroecologia e Agricultura orgânica são consideradas a mesma coisa, pois, o que se considera é apenas a não utilização de agrotóxicos, que é apenas um dos elementos na Agroecologia, como na definição de Assis (2002) fica muito mais clara essa diferença entre Agroecologia e Agricultura Orgânica.

No entanto, apesar da origem imbricada, agroecologia e agricultura orgânica não devem ser vistas como sinônimos na medida em que no primeiro caso, a agroecologia é uma ciência com limites teóricos bem definidos, que procura interrelacionar os saberes diferentes áreas do conhecimento com objetivo de propor um encaminhamento para a agricultura que respeite as condicionantes ambientais impostas pela natureza a esta atividade econômica. Isto porém, sem esquecer que o processo de produção agrícola deve estar necessariamente vinculado a um desenvolvimento social e econômico sustentável, ou seja, a agricultura deve ser entendida como uma atividade econômica que permita suprir as necessidades presentes dos seres humanos, respeitando os limites ambientais de forma a não restringir as opções futuras. (ASSIS, 2002 p. 73)

A definição de agroecologia como uma ciência, e agricultura orgânica como uma forma de manejo da terra, ambas são possibilidades de um desenvolvimento sustentável da propriedade. Essa diferenciação é importante, pois, é muito frequente essa confusão, em Fonseca (2009) temos uma definição melhor sobre agricultura orgânica

De acordo com o art. 1 § 2º da Lei 10.831, a agricultura orgânica compreende todos os sistemas agrícolas que promovam a produção sustentável de alimentos, fibras e outros produtos não alimentos (cosméticos, óleos essenciais etc.) de modo ambiental, social e economicamente responsável. Tem por objetivo maior otimizar a qualidade em todos os aspectos da agricultura, do ambiente e da sua interação com a humanidade pelo respeito

à capacidade natural das plantas, animais e ambientes. (FONSECA, 2009 p. 19)

A agricultura orgânica tem seu foco na produção sustentável dos alimentos, mas também não seria o objetivo da agroecologia? Sim, porém a agroecologia não se restringe apenas ao modo de produção e sim a um modo de vida, onde a harmonia com a natureza é prioridade nesse contexto. Pensar a agroecologia como um campo amplo que dialoga com diversos setores da sociedade, é transdisciplinar na definição de Fonseca (2009) que dialoga com movimentos de construção de conhecimento

É um campo de conhecimento transdisciplinar, que recebe influência das ciências sociais, agrárias e naturais, em especial da Ecologia Aplicada. O paradigma da agroecologia tem evoluído muito rapidamente, congregando uma série de princípios com forte preocupação com a conservação dos recursos naturais e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas. Propõe um conjunto de princípios e de metodologias que apoiam o processo de transição da agricultura convencional/industrial para a agricultura de base ecológica e social. Considera as dimensões políticas, sociais, culturais, ambientais, éticas, estruturais, organizacionais, de segurança alimentar e econômicas no desenho e condução dos sistemas agrícolas e comerciais sustentáveis e no estímulo aos hábitos de consumo consciente. (FONSECA, 2009 p. 20)

Essa diferenciação é importante para compreender que agroecologia e agricultura orgânica são parecidas no aspecto da produção saudável, mas a agroecologia tem alguns princípios importantes que colocam ela em uma outra dimensão em relação a agricultura orgânica. Altieri (2011) destaca que somente a agroecologia pode oferecer as condições em diversos âmbitos como o social e o econômico e o principal que é o meio ambiente

A Agroecologia oferece conhecimentos e as metodologias necessárias para desenvolver uma agricultura que seja, por um lado, ambientalmente adequada e, por outro, altamente produtiva, socialmente equitativa e economicamente viável. Através da aplicação dos princípios agroecológicos, poderão ser superados os desafios básicos na construção de agriculturas sustentáveis, ou seja: fazer um melhor uso dos recursos internos; minimizar o uso de insumos externos; reciclar e gerar recursos e insumos no interior dos agroecossistemas; usar com mais eficiências as estratégias de diversificação que aumentem o sinergismo entre os componentes-chave de cada agroecossistema. (ALTIERI, 2011 p.7)

A agroecologia traz um leque de possibilidades para a agricultura familiar, sobretudo é uma nova forma de ver a vida no campo em harmonia com o meio ambiente e economicamente viável. Caporal (2009) defende a agroecologia muito mais do que uma forma de manejo agrícola e sim em uma mudança de mentalidade,

entender a necessidade de romper com o atual modelo e fazer uma transição para uma nova forma que priorize a vida das pessoas.

Portanto, ao não se tratar de uma nova revolução, no enfoque agroecológico passa a ser central o conceito de transição e esta não é apenas e simplesmente buscar a substituição de insumos ou a diminuição do uso de agrotóxicos, mas de um processo capaz de implementar mudanças multilíneas e graduais nas formas de manejo dos agroecossistemas. Isto é, buscar a superação de um modelo agroquímico e de monoculturas, que já se mostrou excludente e sócio-ambientalmente inadequado (ou outras formas de agricultura sócio-ambientalmente insustentáveis), por formas mais modernas de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica. Mais do que mudar práticas agrícolas, tratar-se de mudanças em um processo político, econômico e sócio-cultural, na medida em que a transição agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômico-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também de mudanças nas atitudes e valores dos atores sociais com respeito ao manejo e conservação dos recursos naturais e nas relações sociais entre os atores implicados. (CAPORAL, 2009 p. 11)

Caporal (2009) define bem que é necessário separar a agroecologia das alternativas de agricultura orgânica, pois, na agricultura orgânica temos algumas técnicas que utilizam insumos alternativos mas não dialogam com a quebra de paradigmas tal como a agroecologia propõe. Por exemplo, a agricultura orgânica utiliza técnicas como reciclagem de recursos naturais presentes na propriedade, compostagem, esterco de animais e a produção de repelentes naturais entre outros, enquanto que a agroecologia o enfoque é nas relações com o ecossistema como assinala Campanhola e Vilarini (2001).

Nos anos 60 o mundo vivia o contexto da Guerra Fria, a disputa pela hegemonia mundial entre Estados Unidos e a União Soviética, guerras em diversos cantos do planeta e a chamada conquista pelo espaço, onde as duas potências não mediram esforços para ver quem chegava primeiro. E nessa disputa a agricultura também era um ponto importante, pois, no meio rural a dinâmica era diferente do centro urbano em países capitalistas, no espaço rural a cooperação entre as famílias e a utilização de mão de obra era muito comum. Nessa perspectiva o governo estadunidense em conjunto com empresas do setor de fertilizantes e maquinários constroem uma nova narrativa, de que é necessário aumentar a produção mundial de alimentos para superar a questão da fome no mundo, e para aumentar essa produção seria necessário a utilização de fertilizantes e agrotóxicos, bem como a mecanização da agricultura, o que cresceria a produção de alimentos e resolveria o problema da fome

segundo o argumento capitalista, o que segundo SILVA (2019) na verdade significou a transformação da agricultura em negócio.

Tais transformações chegaram aos países da América Latina, da Ásia e da África, nas décadas de 1960, com o argumento de exterminar a fome que assolava os países desses continentes. No caso brasileiro, a “Revolução Verde” contou com forte apoio do Estado em parceria com os Estados Unidos da América, sendo introduzidas as novas técnicas, de maneira uniforme, sem considerar as diferentes realidades do país, tanto no que se refere aos biomas, à cultura e às diferenças regionais. A agroecologia parte da discussão de outro sistema de produção, fazendo contraponto aos ditames perversos do capitalismo, que por meio da Revolução Verde, ao longo dos anos, vem transformando as dinâmicas territoriais locais. A chamada “Revolução Verde” significou a transformação na produção agropecuária, com a introdução massiva de capitais, máquinas, insumos agroquímicos (fertilizantes e agrotóxicos), sementes e mudas modificadas geneticamente, dependente de tecnologia estrangeira. (SILVA, 2019 p.16)

A chamada Revolução Verde a partir da década de 60 prometia um mundo novo na agricultura tradicional, uma maior eficácia na produção e uma maior qualidade de vida para os agricultores, mas na prática não foi o que ocorreu, se presenciou um domínio ainda maior do latifúndio sobre a agricultura familiar, uma crise ambiental e ampliou o poder das grandes corporações de sementes e pesticidas. Para Altieri (2011) a agroecologia é muito mais vantajosa do que a chamada Revolução Verde e os pacotes tecnológicos oferecidos pela indústria. A partir da Revolução Verde aconteceram diversas mudanças no campo, de ordem econômica e social, a agricultura cada vez mais ganha contornos mercadológicos segundo Carvalho (2017).

A agroecologia parte da discussão de outro sistema de produção, fazendo contraponto aos ditames perversos do capitalismo, que por meio da Revolução Verde, ao longo dos anos, vem transformando as dinâmicas territoriais locais. Vem reconfigurando os laços sociais, econômicos, culturais e naturais, os quais foram sendo homogeneizados, em parte, pelo estímulo à produção de commodities agrícolas para suprir as demandas do processo de globalização. (CARVALHO, 2017 p.23)

Como contraponto ao agronegócio Carvalho (2017) enfatiza que a agroecologia é um modelo de afirmação de território e da formação de sujeito protagonista, uma forma de resistência a tudo que está posto na sociedade.

Sendo assim, a territorialidade construída em torno da agroecologia nos assentamentos rurais é capaz de minimizar a submissão dos camponeses em relação ao sistema de produção vigente. O fato dos camponeses possuírem terra os faz deterem um trunfo para se tornarem agentes de mudanças, pois além de possuidores dos seus próprios meios de trabalho,

também tornam-se protagonistas de seus modos de vida, quando estes são baseados em princípios como os da agroecologia. A partir disso, é possível implementar projetos de desenvolvimento que estejam baseados nos potenciais do território, sejam estes ambientais ou socioculturais. Emergem, portanto, novas estratégias de resistência a partir da própria identidade local. (CARVALHO, 2017 p.78)

Portanto, a agroecologia é um modo de viver que vai além da produção orgânica, ela é também uma ciência é uma forma de equilíbrio com a natureza onde prevalece o bem estar de quem produz e tudo à sua volta. Enquanto a Revolução Verde que originou o chamado agronegócio tem como objetivo primordial o lucro, uma produção em massa que visa atender as necessidades mercadológicas, onde saúde e superação da fome não estão na pauta, diferentemente da agroecologia que tem um viés mais social, o agronegócio é síntese do sistema capitalista neoliberal.

Os enfoques que percebem o problema da sustentabilidade somente como um desafio tecnológico da produção não conseguem chegar às razões fundamentais da não-sustentabilidade dos sistemas agrícolas. Novos agroecossistemas sustentáveis não podem ser implementados sem uma mudança nos determinantes socioeconômicos que governam o que é produzido, como é produzido e para quem é produzido. Para serem eficazes, as estratégias de desenvolvimento devem incorporar não somente dimensões tecnológicas, mas também questões sociais e econômicas. Somente políticas e ações baseadas em tal estratégia podem fazer frente aos fatores estruturais e socioeconômicos que determinam a crise agrícola-ambiental e a miséria rural que ainda existem no mundo em desenvolvimento. (ALTIERI, 2004 p.21)

Conforme Altieri (2004) a agroecologia também é uma disputa ideológica de qual caminho a sociedade quer seguir, um voltado para a qualidade de vida ou outro onde a questão econômica é essencial, pois, gira uma indústria de fertilizantes e agrotóxicos fundamentados na produção em larga escala. É uma disputa desigual, pois, a agroecologia não tem o mesmo poderio econômico do agronegócio, e também mais difícil de sensibilizar a população dessa outra possibilidade de produção agrícola.

3.2 Os impactos sociais e ambientais da agroecologia

A Revolução Verde foi um processo que trouxe inúmeras mudanças nas relações de produção agrícolas no Brasil, gerando problemas ambientais, pois, a utilização de agrotóxicos ganhou uma massividade nas lavouras e se direcionou para uma produção em larga escala e a construção de uma narrativa de que fosse o futuro

da agricultura, porém na prática o que foi visto uma série de danos ao meio ambiente segundo Caporal (2003)

Mesmo desconsiderando os aspectos de natureza sócio-econômica, que têm sido apresentadas como mais um alerta sobre os efeitos perversos da Revolução Verde, teríamos suficientes justificativas para a necessidade de mudança do modelo convencional da agricultura mediante a análise dos impactos dos venenos agrícolas sobre a saúde e o meio ambiente. É sabido que as externalidades negativas relacionadas diretamente com o uso de agrotóxicos, constituem um problema de difícil equacionamento se não houver mudança no padrão técnico da agricultura. Enquanto o modelo convencional continuar sendo adotado, os impactos dos venenos agrícolas à saúde e ao meio ambiente não se resolvem, nem mesmo com o chamado “uso adequado” e/ou mediante “ações educativas para o bom uso”, o que está sendo amplamente demonstrado pela realidade. (CAPORAL, 2003 p.7)

Para tanto a agroecologia tornou-se a alternativa para reduzir esses impactos, até porque ela se relaciona diretamente com a preservação ambiental, pois, não podemos falar de meio ambiente sem questionar o modelo consumista de vida, e que tem reflexos na agricultura principalmente com o agronegócio e sua produção de commodities. Como reitera Rosa (2016) a agroecologia busca a preservação ambiental na sua convivência harmoniosa com o meio ambiente

A agroecologia busca além da valorização da biodiversidade e da preservação da natureza, o empoderamento de grupos vulneráveis, tanto na proteção do conhecimento tradicional, como na conscientização do modelo opressor e massificante do agronegócio, que uniformiza a forma de alimentação humana, causa impactos ambientais, explora trabalhadores, invade reservas indígenas e espaços ambientalmente protegidos. Assim, a agroecologia se coloca como uma alternativa política, cultural e social frente a exploração do agronegócio. (ROSA, 2016 p.4)

Meio ambiente e agroecologia são duas faces da mesma moeda, para se ter uma preservação do meio ambiente verdadeira de fato e sustentável na sua concepção é primordial que se pense um novo modelo de sociedade, que começa no campo onde provém o alimento, que se pense em uma produção sem agrotóxicos e além disso, uma forma que a sustentabilidade e as questões ambientais caminhem lado a lado. E nesse espectro é que se destaca a agroecologia, pois, é o caminho da agricultura familiar buscar sua autonomia baseada na auto-organização do território e de uma propriedade sustentável na prática e que possa ser transformadora na vida dos agricultores. Segundo Caporal (2003) é a agroecologia a base de uma base para o desenvolvimento sustentável da propriedade e um contraponto à Revolução Verde.

O que não se pode, com o conhecimento atual, é repetir os mesmos erros do passado, quando entusiasmados com as promessas da Revolução Verde (que ia “acabar com a fome do mundo”), optou-se por um caminho de contaminação ambiental e danos à saúde, que hoje são sabidamente irreversíveis. Portanto, não dá para correr o mesmo risco do passado. Por isto mesmo é preciso caminhar para o futuro e a agricultura do futuro será baseada nos princípios da Agroecologia, será uma agricultura de base ecológica, pois não haverá o Desenvolvimento Sustentável que todos almejamos se seguimos com o mesmo pacote da Revolução Verde, agora “esverdeado” ou “engenheirado”. (CAPORAL, 2003)

A Revolução Verde mesmo com todo aparato tecnológico não resolveu o problema da fome no mundo e nem vai solucionar, pois, a lógica de mercado não tem essa preocupação, só a agroecologia é a alternativa viável para o meio ambiente e de certa forma gerar impactos sociais positivos na população.

Portanto, não resolvemos o problema da fome, nem o problema da qualidade dos alimentos e estamos destruindo os recursos naturais necessários para a produção. Este panorama, e não precisa mais que isso, nos leva a defender que é urgente e necessário que se adotem todas as medidas para reverter este processo, estimulando a transição para agriculturas mais sustentáveis, capazes de produzir alimentos saudáveis para toda a população e com menores níveis de impacto ambiental. A Agroecologia, como ciência para uma agricultura mais sustentável, pode dar uma importante contribuição para a minimização destes problemas, na medida em que passar a fazer parte de grandes e potentes estratégias governamentais e dos programas incentivo à produção agropecuária, assim como dos programas de ensino, pesquisa e extensão rural. (CAPORAL, 2009, p.17)

Fica claro que a agroecologia é o caminho para um desenvolvimento sustentável nas propriedades rurais, podendo trazer melhorias para o meio ambiente, seja nas formas mais sustentáveis de produzir, seja na preservação dos recursos, ou mesmo na oferta de alimentos mais saudáveis para a população local.

3.3 Territórios e territorialização das práticas agroecológicas

Espaço e território são termos presentes na geografia e por muitas vezes são considerados sinônimos, porém são conceitos que se diferem. O espaço surge antes do território, entretanto o território que se forma a partir do espaço depende dos seus atores que formam, ou seja, o território é uma construção identitária de um povo. É onde um povo se identifica, tem suas raízes e suas memórias, pois, a construção de sua identidade está ligada intrinsecamente com sua afetividade e suas lembranças que estão em seu território. Quando pensamos na questão do território, logo pensamos no espaço que ele ocupa, é impossível pensar o conceito de espaço como

sendo único, ele vai ser sempre múltiplo e diverso. O território é mais que um local, um espaço em si, e sim a afirmação de um grupo ou de um povo, são as relações de poder no espaço. É nesse espaço que se desenvolve a produção, as relações sociais, a vivência, ou seja, sua afirmação enquanto ser social.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. Lefebvre mostra muito bem como é o mecanismo para passar do "espaço ao território: "A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, auto-estradas e rotas aéreas etc.". O território, nessa perspectiva, um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a. prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN, p. 2 1993)

É no território que as relações acontecem, seja de ordem econômica ou social, e nessas relações também se constitui a disputa por poder, é onde o ser se forma como indivíduo em contato com o coletivo, é que se constitui a identidade dos ser. Nessa construção de identidade do ser dentro do território a disputa por poder é parte desse processo conforme Raffestin (1993).

De acordo com a nossa perspectiva, a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens "vivem", ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele. (RAFFESTIN, p. 14, 1993)

Território e poder têm muito em comum, pois, as relações sociais presentes no território emergem disputas de poder e elas podem inclusive ser decisivas nas relações socioeconômicas. O poder no território ele pode ser múltiplo no sentido de que vários atores exercem algum tipo de poder, mas também pode ser único quando um poder majoritariamente econômico se sobressai aos demais.

Nas relações sociais, as definições econômico-políticas são relações que interferem nas práticas territoriais e definem posições dentro de um contexto político-social e econômico vivido por esses territórios. Todas as vezes que ocorrer uma modificação das relações sociais no território, produzida por interesses de poder diferenciados, ocorre uma rearticulação de outras relações de poder que, por ora, estavam fora da escala de decisão político-econômica no território e que ressurgem por causa das fragmentações e dos interesses partilhados por outros atores sociais. Na verdade, há um complexo campo de poder que não é definido, nem pode ser, por haver interesses diferenciados e alianças multiplicáveis dependendo das relações que podem ser agrupadas no território em determinado momento histórico, em virtude de um único interesse mais amplo de determinados atores sociais. (DA SILVA, p. 3, 2009)

É importante ter consciência que o poder não é único, ou seja, não existe apenas uma instância e sim uma multiplicidade ou os micropoderes como o filósofo Michel Foucault definiu. Esses micropoderes estão no território presente, é nas relações sociais ou econômicas que eles aparecem e influenciam na constituição desse território.

O poder não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social (e, portanto, territorial). Funciona como uma rede de dispositivos e mecanismos a que nada/ninguém escapa, não existindo um exterior possível. O poder não se detém como uma coisa, não existe enquanto natureza e/ou essência. Não há algo unitário e global denominado poder, mas formas díspares, desiguais que se constituem como práticas sociais historicamente produzidas. O poder desloca-se e transita pela sociedade e seus territórios, atingindo a vida cotidiana, atravessando corpos e lugares; também situa-se em diversas escalas geográficas, ou seja, possui multiescalaridade. (FOUCAULT apud MONTEIRO, p. 8, 2015)

As relações entre poder e território compõem a multiplicidade desse espaço, pois, temos diferentes formas de organização de poder dentro de uma diversidade de territórios, e por consequência diversas formas de produção, seja da agricultura familiar ou do agronegócio, com suas múltiplas particularidades.

Uma classe não se realiza no território de outra classe. Por essa razão, os territórios do agronegócio e os territórios camponeses e indígenas são distintos. Os territórios do campesinato e os territórios do agronegócio são organizados de formas distintas, a partir de diferentes relações sociais. Um exemplo importante é que enquanto o agronegócio organiza seu território para produção de mercadorias, o grupo de camponeses organiza seu território, primeiro, para sua existência, precisando desenvolver todas as dimensões da vida. Esta diferença se expressa na paisagem e pode ser observada nas distintas formas de organização dos dois territórios. A paisagem do território do agronegócio é homogêneo, enquanto a paisagem do território camponês é heterogêneo. A composição uniforme e geométrica da monocultura se caracteriza pela pouca presença de pessoas no território, porque sua área está ocupada por mercadoria, que predomina na paisagem. A mercadoria é a expressão do território do agronegócio. A diversidade dos elementos que compõem a paisagem do território camponês é caracterizada

pela grande presença de pessoas no território, porque é neste e deste espaço que constroem suas existências, produzindo alimentos. Homens, mulheres, jovens, meninos e meninas, moradias, produção de mercadorias, culturas e infra-estrutura social, entre outros, são os componentes da paisagem dos territórios camponeses. (FERNANDES, 2008, p.10,11)

Essa multiplicidade territorial ou multiterritorialização é uma nova forma na sociedade hoje, a própria sociedade é heterogênea, essa diversificação está presente no território, são os seus diversos atores e suas particularidades que vemos no agronegócio, mas principalmente na agricultura familiar com sua multiplicidade, ou seja, independente do território que analisamos, dentro dele existem diferenças.

O que queremos reforçar é que o movimento e a heterogeneidade estão no território, nas relações que seus agentes sociais efetivam. O território pode ser compreendido de diferentes maneiras, às vezes, não excludentes. Existem abordagens que se complementam e são multidimensionais frente ao território. Há quem priorize uma das dimensões sociais. Porém, há abordagens múltiplas do território e da territorialidade humana e, por isto, mais apropriadas e coerentes com a complexidade do real. (SAQUET, 2007, p.73)

Território é isso, é a construção da multiplicidade de atores sociais, é nas diferenças que o território se constrói, onde as identidades emergem, e o lugar de expressão social, econômica e política dos que compõem esse espaço, o espaço pode ser único, mas o território é múltiplo. No Brasil a agricultura e o território estão intimamente ligados, como relações de poder de diferentes espaços, ou seja, é um território em disputa, sobretudo pelo sistema capitalista com sua ideologia neoliberal, entre os que priorizam o lucro e os que preferem a qualidade de vida.

Uma Partindo do pressuposto de que a construção da identidade cultural do ser humano está vinculada às experiências vividas e ao território do qual faz parte, poderíamos inferir que parcela significativa da população brasileira estaria sob influência dos pensamentos das atividades agrícolas, dado o fato de o Brasil possuir grandes áreas agricultáveis, divididas em: agricultura moderna e agricultura familiar. Possuindo a agricultura moderna vieses voltados às elevadas lucratividades, às extensas áreas de produção, ao elevado emprego de novas tecnologias, à busca de robustos investimentos e financiamentos, entre outros itens. Já, em agricultura familiar, pensaríamos em produção em pequenas propriedades, com ausência de alta tecnologia, sem o aporte financeiro de instituições bancárias, praticando a policultura. Tudo isso para suprir as necessidades imediatas de seu grupo familiar. (LIMA, 2021, p.38)

Agricultura e território são indissociáveis, e a agroecologia está muito mais ligada ao território, pois, a sua sobrevivência depende da sua constituição enquanto

território, porque principalmente vai contra a lógica neoliberal que é denominada pelo agronegócio e os agrotóxicos como a justificativa da produção em larga escala, que é apenas uma narrativa formada como afirmação do setor. Na agroecologia a dimensão de território é outra, é o saber cultural de gerações que forma a sua identidade como um povo dentro do seu respectivo território.

Sob a perspectiva territorial, a prática agroecológica revitaliza os produtos agrícolas e alimentos genuínos de um território, portadores de carga cultural e saberes tradicionais, além de qualificar e potencializar o seu acesso aos circuitos de comercialização convencionais. Desta forma, a agroecologia contribui também com a integração econômica e social do território. (SILVEIRA, FERRAZ, BASSANI, 2006, p.3)

A agroecologia possui um território diverso, mas que sobretudo carrega uma enorme difusão de saberes que vem de gerações, seja no manejo das sementes e seu armazenamento ou na maneira de cultivar a terra. E nesse território a identidade é palavra chave, pois, é através dela que um grupo se constitui, apesar da agroecologia necessitar da prática comercial como forma de sobrevivência, ela não é a única, na agroecologia a qualidade de vida é essencial, isso quer dizer alimentos saudáveis e a natureza preservada. É a necessidade da afirmação enquanto comunidade e porque não de sobrevivência, pois, a agroecologia vai na contramão do mercado, e busca cada vez mais se constituir como um território de resistência ao neoliberalismo.

4 A PESQUISA

4.1 O Município de Paraíso do Sul

O Brasil durante o governo imperial no século XIX recebeu uma grande leva de imigrantes europeus, vindos em especial da Alemanha e da Itália, esses imigrantes foram alocados em diversas regiões do país, entre elas na província do Rio Grande do Sul. Na segunda metade do século XIX no Rio Grande do Sul recebeu mais imigrantes alemães que se instalaram nos vales do Caí, Taquari e Jacuí que alteraram a dinâmica da província.

Na depressão do rio Jacuí, aos pés e nos contrafortes da Serra Geral, por iniciativa do governo provincial, foram criadas, em meados do século XIX, três colônias de migrantes alemães. Incrustada no território do município de Rio Pardo surgiu, em 1849, Santa Cruz. A colônia Santo Ângelo, em Cachoeira do Sul, foi instalada em 1857 e Monte Alverne, localizada a norte da colônia de Santa Cruz, foi fundada em 1859 em terras então sob a jurisdição de Taquari. Pelo Vale do Jacuí, a principal cidade era Cachoeira do Sul, onde inicialmente se instalaram portugueses, também recebeu forte contingente germânico. (FRIEDRICH, 2015, p.41)

A Colônia de Santo Ângelo formada no vale do Jacuí pertenceu ao município de Cachoeira do Sul, município esse que tinha uma população de origem portuguesa, segundo Friedrich (2015) a primeira leva dos imigrantes da Colônia de Santo Ângelo chegaram da Pomerânia, a segunda da Renânia, a terceira da Saxônia, todas regiões pertencentes a Alemanha.

As condições de assentamentos dos colonos foram definidas por duas regras provinciais. A Lei Provincial nº 229, de 04 de dezembro de 1851, que estipulava limites de tamanho (máximo de 48,4 ha) e a gratuidade dos lotes, em colisão com a Lei de Terras, e de instrumentos agrícolas e sementes, além de indenização dos custos de viagem, acrescida de recursos adicionais para o período de instalação. (ROOS, 2013, p.58)

A política do governo imperial em relação aos imigrantes foi diferente, pois, aqui a Lei de Terras era direcionada para quem já tinha um maior poder aquisitivo, o projeto das colônias garantiu lotes gratuitos. Por serem estabelecidos por determinação do governo provincial em pequenos lotes familiares, e por características culturais oriundas de seus países originários, esses imigrantes moldaram a região na forma de trabalhar, alimentação entre outros, misturando a cultura germânica com a brasileira.

Os imigrantes usavam a mão de obra familiar, para produzir em seus lotes. O maior número de filhos representava também mais força de trabalho e, conseqüentemente, maiores possibilidades de trabalho. Os imigrantes construíram as suas comunidades e nelas constituíram a sua identidade, conservando uma bagagem cultural e elementos identitários que não se apagam de uma hora para outra, e estes são repassados para as próximas gerações. (FRIEDRICH, 2015, p.63)

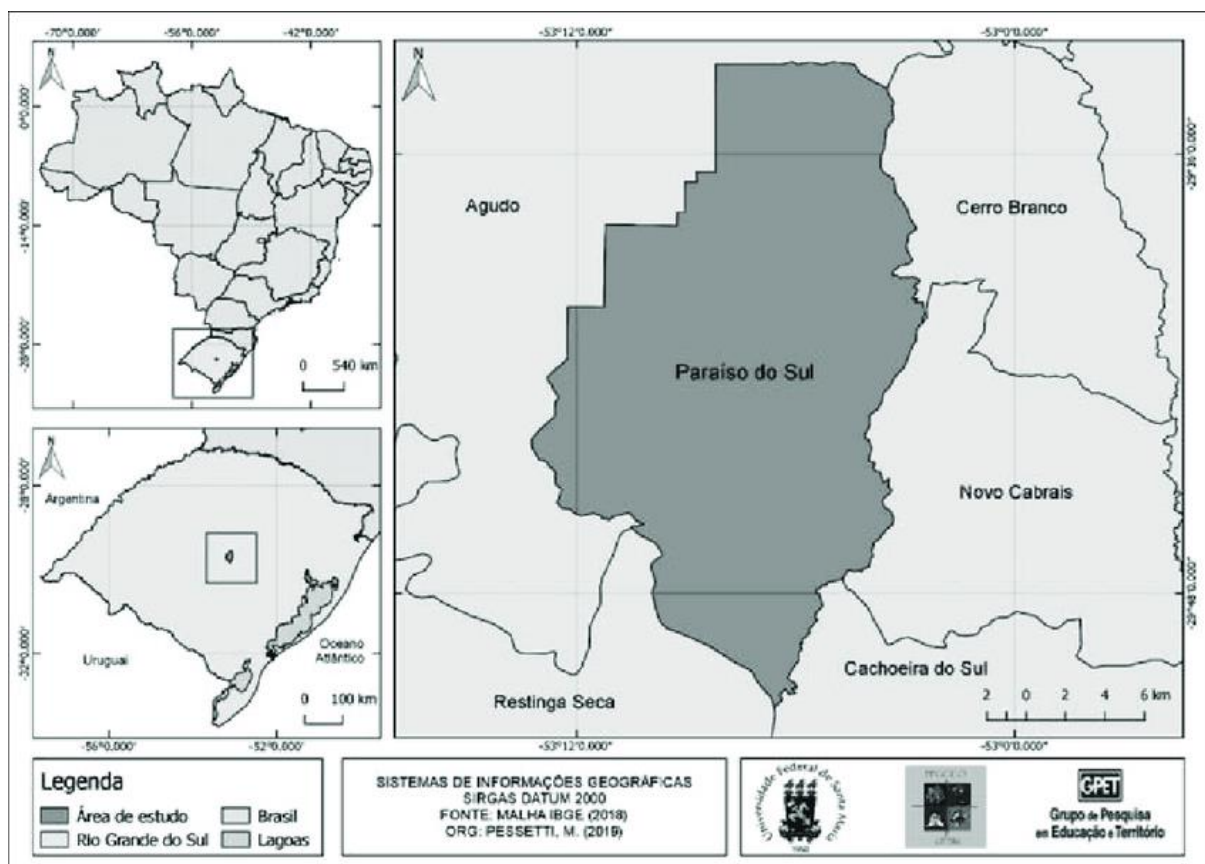
Por ser uma região relativamente extensa, diversos povoados se formaram e desses originaram-se distritos e futuros municípios que carregaram as características da Colônia de Santo Ângelo como pequenas propriedades e a predominância da cultura alemã.

A partir de 1885, a Colônia Santo Ângelo deixou de existir, surgindo em seu lugar vários distritos. Com o passar dos anos os distritos de Agudo, Paraíso do Sul, Cerro Branco e Dona Francisca se emanciparam de Cachoeira do Sul, tornando-se municípios. (ROOS, 2013, p.64)

Além de ser responsável pela formação de vários municípios, a Colônia de Santo Ângelo influenciou economicamente e culturalmente a região, pois, nessa época o cultivo de tabaco pelos imigrantes tornou-se um dos principais produtos da região.

Originário da Colônia de Santo Ângelo, o município de Paraíso do Sul foi criado em 12 de maio de 1988 pela lei 8.622, pelos distritos de Rincão da Porta e Paraíso do Sul, antes pertencente ao município de Cachoeira do Sul. O município de Paraíso do Sul está localizado na região central do Rio Grande do Sul (Figura 1), está a uma distância de aproximadamente 220 km da capital do estado, Porto Alegre e cerca de 60 km da cidade de Santa Maria.

Figura 1 – Mapa de localização do município de Paraíso do Sul, RS



Fonte: FRANTZ e SALAMONI, 2021.

Paraíso do Sul tem uma área de 341 km² e suas divisas são ao Leste com os municípios de Novo Cabrais e Cachoeira do Sul, ao Oeste com Agudo, ao Norte com os municípios de Agudo e Cerro Branco, e ao Sul com Restinga Seca. Situado no Escudo Rio Grandense onde inclusive forma um triângulo com os municípios de Porto Alegre, Jaguarão e de São Gabriel, é um município com uma formação geológica muito antiga, com formações graníticas, magmáticas, gnaisses entre outras.

O relevo apresenta-se em formas arredondadas, sendo mais brusco para o Norte e suave na direção Leste. A Altitude varia entre 20 a 200 metros nas bordas, até 400 a 600 metros nas serras. Há campos limpos nas coxilhas e altos das serras, e campos sujos nas partes planas e úmidas, estando em conexão com vassourais. As formações florestais também variam. Ocorrem desde matas de galerias até matas latifoliadas subtropicais extensas. Ocorrem também capões e matas pequenas ao longo dos arroios e encostas das coxilhas, e pequenos pinhais nativos na região de Caçapava do Sul, Encruzilhada do Sul e Piratini. (PREFEITURA MUNICIPAL PARAÍSO DO SUL, 2009, p. 58)

Como o município de Paraíso do Sul possui uma diversidade geomorfológica, na litologia e na vegetação, faz com que a variação dos tipos de solo também seja

diversificada e propícia para a agricultura. O relevo de Paraíso do Sul é característico da Depressão Central gaúcha.

No município uma parte do relevo é constituído pelas Planícies Fluviais e/ou Fluviolacustres e, outra parte do município apresenta relevo da Depressão Central Gaúcha. O Município de Paraíso do Sul está inserido na Bacia do Paraná que constitui uma área interplanática localizada entre os relevos esculpidos em rochas cristalinas e aqueles talhados sobre rochas efusivas, circundando o Planalto das Araucárias, no Brasil, desde o limite com o Estado de São Paulo até, aproximadamente o município de Santa Maria (RS). (PREFEITURA MUNICIPAL PARAÍSO DO SUL, 2009, p. 60)

Paraíso do Sul conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2010, o município possui uma população aproximada de 7.736 habitantes, destes 4.484 residem na zona rural e 2.252 na zona urbana. Desta população 75% são de origem alemã, 15% de origem portuguesa, 5% de italianos e 5% de afrodescendentes.

Inseridos em sua extensão territorial, encontram-se diversas formas de terrenos, relevos e planícies contendo recantos de singular beleza e formação. A planície é banhada em longa extensão pelo Rio Jacuí, que possui solo fértil e uma área cultivável apta a gerar uma significativa produção primária. O planalto meridional na região norte do município é formado por inúmeros cerros e vales, onde uma cadeia de montanhas dá início a serra geral, formando uma paisagem de rara e admirável beleza ainda coberta por matas virgens e, portanto, de grande valia ecológica. (STRENZEL, 2009, p. 41/42).

Segundo os dados do Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a base econômica do município é a agricultura, onde as pequenas propriedades são a tônica do município. No município são cultivados inúmeros produtos, como arroz, soja, milho, feijão, amendoim, batata, fumo e hortaliças. Conforme a Prefeitura Municipal de Paraíso do Sul, a pecuária também é uma atividade econômica presente no município, assim como o leite, piscicultura, apicultura, todas em menor escala, e também no município existem algumas empresas na área da madeira e metalurgia, o comércio e a prefeitura municipal também são responsáveis pela mão de obra ocupada.

Quadro 1 - Produção Agropecuária de Paraíso do Sul

Grupos e Classes em Atividade	Total	Proprietário (a)	Arrendatário (a)	Parceiro (a)
Total	1.057	867	140	19
Produção de lavouras temporárias	995	808	138	19
Cultivo de cereais	153	135	16	-
Cultivo de fumo	733	569	120	16
Cultivo de soja	15	13	2	-
Cultivo de outros produtos da lavoura temporária	85	82	-	3
Cultivo de hortaliças, legumes e outros produtos da horticultura	1	1		
Criação de bovinos	49	46	2	1
Criação de suínos	2	2	-	-
Criação de aves	6	6	-	-

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário (2017)

Esse quadro mostra que a produção agropecuária no município de Paraíso do Sul tem em sua maioria estabelecimentos agropecuários ocupados por proprietários, ainda que existam arrendatários e parceiros. No município a produção de lavouras temporárias, como por exemplo de milho e feijão faz parte do cotidiano das famílias agricultoras. Outra cultura que tem grande importância é o fumo, que tem um peso grande na economia do município.

4.2 O grupo agroecológico Flor e Ser

O grupo Flor e Ser Agroecológico surgiu a partir de políticas públicas do programa Federal de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER). Esse programa do governo federal tinha por objetivo criar alternativas para a diversificação ao cultivo do tabaco no município de Paraíso do Sul. A formação do grupo foi através da

necessidade desses participantes do ATER em ter uma continuidade, em virtude de o programa ter sido descontinuado pela mudança de governo. O grupo se organizou para o fortalecimento das práticas agroecológicas que haviam iniciado no programa de ATER, e dessa organização surge a necessidade de comercialização dos produtos, inicialmente em feiras livres locais e depois estendeu-se para municípios próximos.

No ano de 2017 surge o grupo Flor e Ser Agroecológico, que logo em seguida entra com o processo de certificação de produção orgânica (Figura 2), que foi obtido no ano de 2009 com o auxílio do Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) na modalidade de Organização de Controle Social (OCS).

Figura 2 – Banner na banca no Feirão Colonial em Santa Maria



Fonte: Lucia Daniela Lenz, trabalho de campo (2022).

Segundo informações da coordenadora do Grupo Flor e Ser existem alguns critérios para as famílias participarem, como de ter participado dos grupos de políticas públicas do ATER, seja na agroecologia ou na diversificação da cultura do tabaco, atividades essas que foram desenvolvidas pela Emater ou pelo Movimento dos

Pequenos Agricultores (MPA). No ATER o trabalho era realizado em grupos, com palestras, oficinas e seminários sobre a agroecologia. Ainda, conforme a Coordenadora, outro critério para estar no grupo é participar do processo de formação contínua sobre agroecologia, onde nessa formação é enfatizado que a agroecologia é mais que um modelo de produção e sim um modo de vida que privilegia o bem estar de todos.

Outra característica do grupo é o processo de planejamento e decisão, pois, esse processo é organizado de forma coletiva e democrática onde todos participam, mesmo que a produção aconteça na propriedade de cada um, ela é pensada toda de forma totalmente coletiva. Na entrevista com a Coordenadora, ela enfatizou que para o grupo, a agroecologia não é só um modo de produzir, mas também é uma filosofia de vida, um jeito de ser e de viver, de se relacionar. Não é só uma mudança na relação produtiva, deixando de usar insumos químicos para orgânicos, mas são novas relações construídas entre as pessoas e com a natureza. O grupo também procura construir uma relação com os consumidores, que são considerados amigos, onde se conhece as pessoas pelo nome, uma forma também de demonstrar respeito, carinho, preocupação e cuidado.

Quanto a comercialização o grupo participa de feiras na cidade e em outros municípios próximos, onde existe uma espécie de rodízio para que todas as famílias participem desta etapa. No ano de 2019 o grupo iniciou a discussão sobre a necessidade de organizar uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), que é um grupo de moradores da zona urbana que financia antecipadamente a produção (Figura 3) e recebe toda semana uma cesta de alimentos que são produzidos na época.

Figura 3 – Banner da CSA



Fonte: Lucia Daniela Lenz, trabalho de campo (2022).

Trata-se de um processo de articulação e aproximação entre o campo e a cidade, visando fortalecer a agroecologia e o trabalho do grupo Flor e Ser. A CSA se formou no ano de 2020 em parceria com o Grupo Agroecológico Guandu do Assentamento Carlos Marighella de Santa Maria.

Fazem parte do sistema duas iniciativas que congregam produtores agroecológicos: a FlorESer Agroecológico, do município de Paraíso do Sul, vinculada ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), e o Grupo de Agroecologia Guandu, localizado no assentamento Carlos Marighella, em Santa Maria. A ação acontece de modo articulado com um grupo de 20 famílias urbanas que compreenderam a importância de estreitar as relações entre campo e cidade no enfrentamento à crise socioeconômica a que todos estão expostos. (BRASIL DE FATO, 2020).

A CSA é uma forma de integrar a comunidade urbana com a rural, e segundo os participantes, existe um enorme desafio, principalmente das pessoas que moram na zona urbana em compreender que eles são mais que consumidores e sim co-

agricultores. Mas esse é um processo que leva tempo, pois depende muito da conscientização de quem participa.

A Comunidade que Sustenta a Agricultura – CSA é um movimento de escala internacional que tem como objetivo, promover a interação direta entre o agricultor e o consumidor, que no modelo de comercialização implementado pela CSA, o consumidor é um parceiro no processo produtivo, sendo um co-agricultor. Nesse sentido, observamos uma forma alternativa de produzir alimentos, em um circuito curto de comercialização, proporcionando ao pequeno produtor o desenvolvimento do sistema alimentar mais sustentável. (NETA, NIENOW, DE SOUZAS, 2020, p.2).

O contato entre os participantes da CSA é muito pessoal, eles vão na feira com suas sacolas e colocam os produtos da semana (Figura 4), também é um momento de trocar ideias entre eles ou até mesmo “jogar conversa fora” segundo um dos participantes, co-agricultor. Eles fazem uma reunião mensal para planejar as ações da CSA, onde todos participam das decisões e tem sua voz.

Figura 4 – Cesta de produtos entregues para a CSA



Fonte: Lucia Daniela Lenz, trabalho de campo (2022).

A comercialização dos produtos no Feirão Colonial de Santa Maria por parte do Grupo Flor e Ser é muito importante, pois amplia o mercado consumidor e possibilita maiores ganhos financeiros e de visibilidade ao grupo. Além disso, para a comunidade de Santa Maria é mais uma opção em produtos agroecológicos, e também para o município de Paraíso do Sul que aparece no mapa da agroecologia. Quando um grupo constrói um vínculo com uma comunidade de outro município que não é o seu, é uma oportunidade de ampliar seu território. E a agroecologia é a resistência ao modelo vigente imposto pelo agronegócio, e em um município como Santa Maria faz com que se alcance um número maior de pessoas e foi o que possibilitou a constituição da CSA.

4.3 A territorialização do Grupo Flor e Ser: os produtores agroecológicos, produção e comercialização

Durante a pesquisa de campo foram entrevistados cinco agricultores e três participantes urbanos da CSA. Dos agricultores entrevistados quatro estão desde de o início da criação do grupo Flor e Ser Agroecológico, o outro agricultor está em processo de transição para pertencer ao grupo, por enquanto ele apenas comercializa sua produção eventualmente nas feiras em que o grupo participa. Os três participantes são moradores do município de Santa Maria e nas entrevistas relataram suas experiências com a CSA.

4.3.1 Os produtores agroecológicos do Grupo Flor e Ser

O Agricultor Entrevistado 01 possui uma propriedade de trinta hectares em Linha Pinhal no município de Paraíso do Sul que contou um pouco da sua história, como aprendeu a cultivar desde pequeno com seu pai, eles plantavam principalmente fumo, mas também feijão, batata-doce, aipim, hortaliças e milho que era para alimentar os animais. Depois de assumir a propriedade da família continuou a cultivar esses produtos e a criar galinhas e porcos, também tem gado para o consumo e para o trabalho na lavoura, na propriedade existe uma vaca de leite também para consumo

da família. Ele relata que conheceu o tema agroecologia através da EMATER, nas primeiras reuniões estava um pouco desconfiado que poderia dar certo.

No início a gente fica com dúvida [...] será que é possível e como larga o fumo? A empresa vem e leva, depois o “pila” entra no banco, e como funcionaria isso sem veneno? Tá certo que a gente não guenta mais, o veneno tava me fazendo mal, me atacava o estômago e minha mulher chegou a passar mal. (Agricultor 1, 70 anos, informação verbal).

Apesar da resistência inicial ele e a mulher aderiram a ideia da agroecologia já nas oficinas do ATER que a EMATER ministrou e foram aos poucos modificando o trabalho na propriedade, em um primeiro momento o fumo foi cultivado ainda, mas os demais produtos já eram plantados sem a utilização de nenhum agrotóxico. Depois de três anos eles conseguiram deixar o cultivo de fumo e implantar a agroecologia de forma definitiva na propriedade. Depois de participar das reuniões com outras famílias decidiu participar no Grupo Flor e Ser Agroecológico.

Quando a gente começou a produzir sem o veneno a vida da gente melhorou demais, me sentia bem melhor e a saúde da gente também. A gente também viu que trabalha em grupo seria melhor, gente ia consegui vende mais, até porque um tem uma coisa que o outro não tem e vai se ajudando bom pra todo mundo né. (Agricultor 1, 70 anos, informação verbal).

A saúde e o bem estar é essencial na vida das pessoas, ainda mais quando elas percebem a diferença, e que está relacionada com a utilização de agrotóxicos no seu dia a dia. Outra percepção é que o trabalho em grupo pode beneficiar a todos, principalmente sobre a ótica financeira.

Figura 05 - Propriedade do Agricultor Entrevistado 01



* Plantação de brócolis e pimentão

Fonte: Lucia Daniela Lenz, trabalho de campo (2022).

A agricultora entrevistada 02 passou a maior parte da sua vida vivendo com marido e filhos na propriedade rural dos seus pais, eles cultivaram fumo por muito tempo, até seu pai adoecer por intoxicação, que segundo o médico que o atendeu foi em virtude dos agrotóxicos, após esse episódio eles decidiram interromper o cultivo de fumo. Foi quando a agricultora entrevistada 02 se aproximou do MPA e começou a trabalhar nas chamadas públicas do ATER com foco na agroecologia. Em 2014 ela adquiriu a sua propriedade de vinte e cinco hectares na Linha Pinhal no município de Paraíso do Sul, decidiram sair da casa dos pais em virtude que existiam divergências na condução da propriedade. Na nova propriedade eles decidiram plantar alimentos de forma exclusivamente agroecológica, o que não acontecia na propriedade dos pais.

A gente tinha como meta produzir apenas de forma agroecológica. A gente sabia que era desafiador, que muita coisa poderia não dar certo. Mas nunca pensamos em desistir, pelo contrário, cada obstáculo serviu para nos fortalecer e ter certeza de que era isso mesmo que a gente queria. (Agricultora 2, 44 anos, informação verbal).

A Agricultora Entrevistada 02 foi a idealizadora do grupo Flor e Ser Agroecológico, partiu dela a iniciativa de chamar as famílias a participar da discussão após o encerramento das chamadas públicas do ATER.

No meu entendimento a agroecologia só dá certo se a gente se fortalece enquanto grupo, senti uma certa resistência das famílias no início, elas tinham muitas dúvidas, de como iria ser e quem ia mandar, então a gente fez toda uma discussão e um convencimento. E que graças a Deus deu certo e a partir daí a gente foi se fortalecendo, principalmente nas decisões coletivas, é aí que todo mundo se ajuda na hora de praticar. (Agricultora 2, 44 anos, informação verbal).

O trabalho de forma coletivo depende muito de quem participa acreditando nele e nesse sentido a Agricultora Entrevistada 02 foi um pilar na organização e no fortalecimento do grupo, tanto é que ela é a atual coordenadora.

Figura 06 - Propriedade da Agricultora Entrevistada 02



* Plantação de brócolis.

Fonte: Lucia Daniela Lenz, trabalho de campo (2022).

O Agricultor Entrevistado 03 é o mais jovem do grupo, morador da Linha Quilombo interior do município de Paraíso do Sul recebeu a sua propriedade de dezesseis hectares como herança da família após se casar. Começou logo cedo a participar da chamada pública do ATER desenvolvida pelo MPA e logo o tema agroecologia chamou a atenção, diferente do pai que apresentou resistência em modificar o seu modo de trabalho, principalmente em deixar de cultivar fumo.

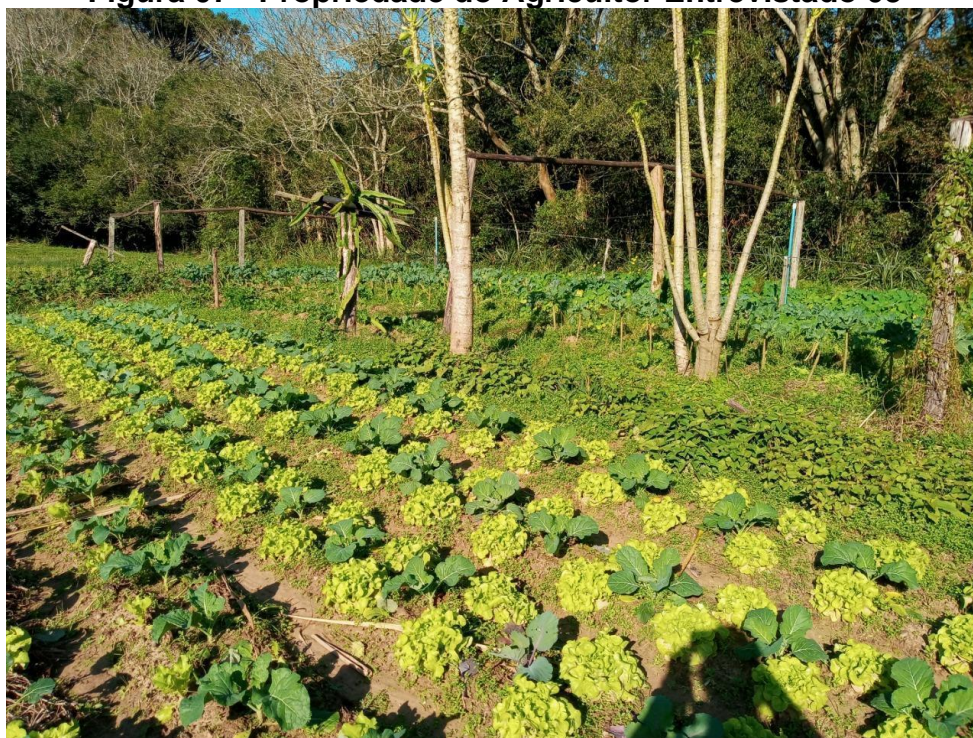
Sabe como é né, a terra era do pai e ai tu tem que fazer do jeito dele, do sistema dele e ai a gente viu no MPA um novo jeito, mas ele não aceitava de maneira nenhuma. Ele sempre disse que o fumo é que dá o dinheiro, o sustento. Mas eu tinha na minha cabeça que dava pra fazer diferente, não tem só um jeito de trabalhar. (Agricultor 3, 25 anos, informação verbal).

A resistência de algumas famílias à agroecologia ainda é forte, seja por uma questão cultural ou pelo que o próprio mercado determina, é mais cômodo continuar em cultivo onde tem a chamada compra “certa”.

O pessoal fica na dúvida, uns com medo de que não vai dar certo. Mas a gente assim pode produzir uma comida sem o veneno, mais saudável né? E hoje eu posso dizer que ganho o meu sustento só com comida, tem gente que não vive tão bem, porque tá no fumo e fumo é aquela coisa, tem safra que eles pagam bem e tem outras que eles pagam uma miséria, ai fica difícil. E a agroecologia não, a gente consegue vender o que a gente produz nas feira e se mantém bem. (Agricultor 3, 25 anos, informação verbal).

É importante que o agricultor também vislumbre ganhos financeiros com a agroecologia, pois, ele precisa se manter e pagar as suas despesas. E quando a agroecologia possibilita uma vida saudável e financeiramente estável para os agricultores, acaba por influenciar as demais famílias.

Figura 07 - Propriedade do Agricultor Entrevistado 03



* Plantação de alface.

Fonte: Lucia Daniela Lenz, trabalho de campo (2022).

O Agricultor Entrevistado 04 também cultivou o fumo por muitos anos, morador da Linha Quilombo no interior do município de Paraíso do Sul onde tem uma propriedade rural de vinte e quatro hectares, onde cultivava feijão, aipim, milho, batata-doce, amendoim, hortaliças e a criação de aves e suínos. Decidiu parar de cultivar fumo ao participar das oficinas do ATER agroecologia ministradas pelo MPA.

Comecei indo nas reunião e fui me dando conta que eles tinham razão. Nós podemos fazer outra coisa, tem jeito de ganhar dinheiro sem ser só o fumo. E vou te dizer mais, to me sentindo bem melhor, to dormindo melhor, até a vida da gente tá melhor, acabou aquela loucura do fumo, da colheita né, onde a gente trabalhava no calor, no veneno. (Agricultor 4, 53 anos, informação verbal).

No caso do Agricultor Entrevistado 04 é outro que estava cultivando fumo e viu através da chamada pública do ATER uma maneira de mudar os rumos da sua propriedade e apostar na agroecologia. O fumo também é uma atividade cansativa, a colheita é no período mais quente do ano e ainda utiliza uma grande quantidade de agrotóxicos.

Tá em grupo é muito melhor, a gente conversa e troca ideia junto, um ajuda o outro, até quando tu tá meio desanimado e nas reuniões tu sai fortalecido. E nas feira é melhor tá no grupo, vai uma família por vez, então todo mundo se ajuda né? E não é um só que tá ganhando dinheiro, é todo o grupo e isso é bom. (Agricultor 4, 53 anos, informação verbal).

Segundo o depoimento do Agricultor Entrevistado 04 a importância do trabalho em grupo para o fortalecimento de todos, contribui para que a agroecologia se consolide e assim os agricultores possam se sentir mais confiantes, além é claro dos retornos financeiros que ocorrem.

Figura 08 - Propriedade do Agricultor Entrevistado 04



Plantação de feijão.

Fonte: Lucia Daniela Lenz, trabalho de campo (2022).

O Agricultor Entrevistado 05 tem a sua propriedade em Linha Pinhal interior do município de Paraíso do Sul com doze hectares, recentemente abandonou o cultivo de fumo e aderiu à agroecologia. Participou das oficinas ministradas pela EMATER através da chamada pública ATER Agroecologia e desde lá começou a analisar a possibilidade de mudança em sua propriedade.

Nas primeiras reunião eu ficava pensando “mas será que isso vai dar certo?”. E depois tu vê que tem gente trabalhando e conseguindo, ai a gente resolveu arriscar e vê no que dá, mas ai vinha um parente e te olhava meio desconfiado ou os outros vizinhos diziam que era loucura e que ligeiro nós tava voltando pro fumo, mas se enganaram né? (Agricultor 5, 54 anos, informação verbal).

A família do Agricultor Entrevistado 05 está em um período de transição para fazer parte do Grupo Flor e Ser Agroecológico, por enquanto eles comercializam alguns produtos nas feiras e participam de algumas reuniões, mas ainda não aderiram formalmente ao grupo.

A gente ainda fica com dúvida nessa coisa com grupo. Não porque a gente não confia, mas sabe como é isso pode dá briga, mas a gente conversa muito com o pessoal do grupo a gente vai na feira e vê que o pessoal gosta dos produtos e que eles querem uma comida sem veneno, eu acho que é por aí mesmo. (Agricultor 4, 54 anos, informação verbal).

O trabalho em grupo sempre gera dúvidas e insegurança por parte das famílias, no caso do Agricultor Entrevistado 05 ele ainda não tem certeza de sua participação, mesmo que comercializa alguns produtos junto com o grupo. São considerados como

parte de uma transição pelos membros do grupo, e a expectativa é que façam parte. O Agricultor Entrevistado 05 destacou que cultiva feijão, batata-doce, aipim, milho e hortaliças, além de aves e suínos.

4.3.2 *A comercialização e territorialização do Grupo Flor e Ser*

O processo de territorialização do Grupo Flor e Ser vai além das propriedades no município de Paraíso do Sul que produzem de forma agroecológica. Através de sua comercialização, ele expande seu território para o município de Santa Maria. A escolha de participar do Feirão Colonial no município de Santa Maria foi em virtude de ser o maior na região central do estado do Rio Grande do Sul, e por isso tem um público consumidor maior e aumenta as possibilidades de comercialização. Nesse processo de territorialização do Grupo Flor e Ser é importantíssima a constituição da CSA, pois, ela cria um vínculo com a população urbana que são chamados de co-agricultores, que nada mais são parceiros dos agricultores, pagando um valor mensal para que os agricultores possam produzir e investir na propriedade, em contrapartida eles recebem uma cesta semanal de alimentos.

O Co-agricultor entrevistado 01 é um dos primeiros a integrar a CSA, ele é professor universitário na cidade de Santa Maria onde todos os sábados acontece o Feirão Colonial (Figura 9) que é destinado a famílias de pequenos agricultores da região central do Estado para que possam comercializar seus produtos. Não é necessário que os produtos sejam orgânicos ou agroecológicos.

Sempre cheguei no Feirão Colonial para comprar produtos e a minha preferência é por orgânicos. Fui tendo contato com o grupo Flor e Ser, e estava muito mais próximo dessa relação, conversamos sobre diversos assuntos, as dificuldades da agricultura e como o mercado determina a questão das sementes. A partir dessas conversas começamos a dialogar sobre a necessidade de uma CSA, que para falar a verdade eu desconhecia esse modelo. (Co-agricultor 1, 57 anos, informação verbal).

Figura 09 - Feirão Colonial, Santa Maria, RS



* Na foto: repolho, abobrinha, ovos, arroz, ovos, limão, beterraba, pimentão, couve, vagem e outros.

Fonte: Lucia Daniela Lenz, trabalho de campo (2022).

Para o entrevistado foi a relação de proximidade do grupo com os consumidores que possibilitou a ideia de uma CSA, pois, os co-agricultores são essenciais para que essa proposta aconteça. Isso reforça que a filosofia do grupo acontece de fato e legitima ainda mais o trabalho.

O nosso maior desafio na CSA é fazer com que as pessoas entendam que é muito mais do que comprar uma verdura ou um feijão sem veneno, é você ser parte de um processo que não é ligado a uma lógica de mercado, e sim algo que priorize as pessoas. Essa foi a dificuldade da minha irmã, ela estava preocupada em receber o produto e não em participar das reuniões. As pessoas não entendem que a reunião é importante, pois, é nesse momento que você compreende os percalços que o agricultor enfrenta. (Co-agricultor 1, 57 anos, informação verbal).

A CSA é um processo e a participação de todos é essencial segundo o Co-agricultor 01, e conforme ele, a compreensão de quem participa é o maior desafio para que esse processo tenha êxito.

O Co-agricultor Entrevistado 02 também é frequentador do Feirão Colonial de Santa Maria, servidor público do município, ele vê na alimentação orgânica uma forma de ter uma vida mais saudável.

Gosto de chegar aqui no Feirão Colonial, como frequento há muitos anos conheço a maioria. Foi quando conheci o pessoal do grupo, a gente fez uma amizade que vai além da compra, é uma parceria que estamos construindo. Até porque nós como cidadãos temos que ter um compromisso de deixar um mundo melhor para a próxima geração. (Co-agricultor 2, 62 anos, informação verbal).

Essa relação próxima entre o grupo Flor e Ser Agroecológico e os consumidores, essa confiança no trabalho do grupo possibilitou que a CSA se concretizasse e reafirmasse a questão agroecológica, e entregasse seus produtos no Feirão Colonial de Santa Maria (Figura 10).

Figura 10 – Produtos no Feirão Colonial, Santa Maria- RS



Na foto: alface, rúcula, brócolis, tempero verde e outros.
Fonte: Lucia Daniela Lenz, trabalho de campo (2022).

A CSA é algo positivo, eu sabia que o MST já fazia, mas trazer aqui para Santa Maria foi muito importante, pois, estamos plantando uma semente, que é um contraponto ao agronegócio, esse modelo que é vendido como o exemplo a seguir. Mas é necessário despertar a consciência das pessoas de que é possível fazer diferente. (Co-agricultor 2, 62 anos, informação verbal).

A importância do Co-agricultor ter a consciência de seu papel dentro da CSA é fundamental para o sucesso da mesma, a cooperação e ajuda mútua dentro dos participantes independente do papel que possuem.

O Co-agricultor entrevistado 03 também é morador do município de Santa Maria, militar reformado do exército que frequenta a pouco tempo o Feirão Colonial e entrou esse ano na CSA.

Eu fiquei três anos em Rondônia e quando voltei a Santa Maria fui morar em um outro condomínio e conversando com uma vizinha ela me falou muito bem do Feirão Colonial. E como eu procurava alimentos com certificação me aproximei do grupo e depois disso iniciei um processo de entrada na CSA, e está sendo muito bom. (Co-agricultor 3, 53 anos, informação verbal).

No caso do Co-agricultor Entrevistado 03 o que o aproximou da CSA por causa da certificação orgânica, o que demonstra que a credibilidade do grupo e sua organização colaboram para expandir as suas ações.

To gostando da proposta da CSA, aqui eu sei que sou parceiro, faço parte. Sei que alguns questionam que muitas vezes não tem muitos produtos, mas eu sei que isso faz parte, até porque na agricultura tem diversos fatores que muita gente não se dá conta. Pra mim CSA é isso, é a união, todos colaborando para o bem do coletivo, até porque ninguém é forte sozinho. (Co-agricultor 3, 53 anos, informação verbal).

O Co-agricultor entrevistado 03 percebe que o trabalho em grupo fortalece a CSA, é ele que é a dinâmica do processo, é no coletivo que todos se beneficiam e entender que as variáveis fazem parte e não podem dividir, justamente o contrário deve ser a motivação para a união de todos.

A CSA é um fator importante na territorialização do Grupo Flor e Ser, pois, esse espaço possibilita se integrar com a comunidade local e afirma a condição do grupo dentro do Feirão Colonial. A relação campo e cidade fortalece a agroecologia como um todo, é o vínculo que se estabelece entre os agricultores e os moradores da zona urbana, e não somente com os co-agricultores participantes da CSA e sim com a comunidade em geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi um estudo do caso do grupo Flor e Ser Agroecológico do município de Paraíso do Sul, que através da agroecologia participa de feiras rurais em alguns municípios. Esse grupo se formou a partir da participação de seus membros nas chamadas políticas públicas de ATER, seja em oficinas ministradas pela EMATER ou do MPA, eles perceberam que a agroecologia era um caminho possível. Nas visitas à feira e às propriedades das famílias que participam do grupo foi possível constatar como a agroecologia modificou a vida delas e também sua visão de mundo, pois, a grande parte dessas famílias estavam envolvidas no cultivo de fumo, que utiliza muito agrotóxico.

Nas conversas com as famílias percebeu-se que a organização enquanto grupo foi fundamental, possibilitou que todos crescessem juntos e reafirmou a questão do território. O grupo tem a característica da coletividade, isso fortalece o território onde eles estão inseridos, tanto em seu modo de viver, quanto na questão financeira dos participantes. O grupo tem uma concepção clara sobre a agroecologia, sabe que não é apenas um modelo de produção e sim uma nova forma de encarar a vida, ou seja, não é apenas excluir os agrotóxicos da propriedade, mas sim encarar um modo de viver pautado na coletividade.

Na visita ao Feirão Colonial em Santa Maria entendeu-se como é realizada a comercialização dos produtos, nesta feira existem diversos grupos vendendo seus produtos, e o grupo Flor e Ser tem sua banca movimentada e também é nesse dia que os co-agricultores vão buscar seus produtos, o que reforça a territorialização do grupo a partir da experiência do CSA. Na conversa com os co-agricultores, é notório o entusiasmo deles com o projeto CSA, pois, eles acreditam que a agroecologia é uma possibilidade de mudança, seja no campo ou até mesmo na cidade.

O grupo Flor e Ser Agroecológico é uma iniciativa que contrapõe o modelo vigente em Paraíso do Sul, desafia a indústria do fumo e trabalha na conscientização dos seus integrantes, que pense a agroecologia não apenas como uma alternativa de produção e sim um modo de vida sustentável, onde o coletivo se sobressaia ao individualismo. O grupo também procurou a legitimação da sua produção através da certificação, o que gera credibilidade para as pessoas. É um grupo que trabalha a questão do território como uma forma de organização coletiva e que as pessoas se

sintam parte do processo. Também a ideia da CSA mostra que o grupo procura dialogar com as pessoas da zona urbana que muitas vezes não têm acesso a produtos de qualidade e livres de agrotóxicos. Pode-se concluir que o grupo Flor e Ser Agroecológico intervém na realidade local, pois, traz a questão da agroecologia tanto no âmbito rural quanto no urbano, é um grupo que faz a diferença na sua ação e transformação social.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel Ángel. **Agroecologia: A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável**. 4º Ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS. Disponível em: https://arca.furg.br/images/stories/producao/agroecologia_short_port.pdf Acesso em 15 de outubro de 2022.

ALTIERI, Miguel Ángel. **Agroecologia: princípios e estratégias para a agricultura sustentável na América Latina do século XXI**. Disponível em: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/agricultura/agroecologia/artigos/AGROECOLOGIA%20-%20PRINCIPIOS%20E%20ESTRATEGIAS%20PARA%20A%20AGRICULTURA%20SUSTENTAVEL%20NA%20AMERICA%20LATINA%20NO%20SECULO%20XXI.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2022.

ASSIS, Renato Linhares de. **Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Editora UFPR 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/12527908/Agroecologia_e_agricultura_org%C3%A2nica_controv%C3%A9rsias_e_tend%C3%A2ncias?email_work_card=view-paper. Acesso em 16 de julho de 2022.

CAMPANHOLA, Clayton; VALARINI, Pedro José. **A AGRICULTURA ORGÂNICA E SEU POTENCIAL PARA O PEQUENO AGRICULTOR**. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v.18, n.3, p.69-101, set./dez. 2001. Disponível em: <https://ciorganicos.com.br/wp-content/uploads/2013/09/8851-29343-1-PB.pdf> Acesso em 18 de julho de 2022.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.cpatsa.embrapa.br:8080/public_eletronica/downloads/OPB2442.pdf Acesso em 18 de julho de 2022.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília 2004. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Agroecologia-Conceitoseprincípios.pdf> Acesso em 19 de julho de 2022.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Superando a Revolução Verde: A transição agroecológica no estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. Santa Maria- RS 2003. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/mf0ifhek2sonoe3/Superando%20a%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Verde-Vers%C3%A3oRevisada-15-04-2003-Caporal.pdf> Acesso em 22 de julho de 2022.

CARVALHO, Lisane. **AGROECOLOGIA – Um Território em Construção: Considerações Acerca das Experiências Agroecológicas nos Assentamentos Ireno Alves dos Santos e Marcos Freire no Município de Rio Bonito do Iguaçu/PR**.

Universidade Federal Fronteira Sul, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1652/1/CARVALHO.pdf>
Acesso em 13 de julho de 2022.

CORBARI, Marcos Antonio. Em Santa Maria, sistema participativo fomenta aliança entre a cidade e o campo. Santa Maria, 2020, Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/05/20/em-santa-maria-sistema-participativo-fomenta-alianca-entre-a-cidade-e-o-campo>
Acesso em 21 de novembro de 2022.

DA SILVA, João Márcio Palheta. **Poder, governo e território na sociedade contemporânea**. Série Estudos e Ensaios, Ciências Sociais, FLACSO- Brasil, 2009. Disponível em: https://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/Joao_Palheta.pdf
Acesso em 09 de novembro de 2022.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro 2007. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/300166/mod_resource/content/1/MC2019%20Minayo%20Pesquisa%20Social%20.pdf
Acesso em 21 de julho de 2022.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Entrando nos Territórios do Território**. In: PAULINO, Eliane Tomasi; FABRINI João Edmilson (Orgs.). **Campesinato e Territórios em Disputa**. São Paulo: Expressão Popular 2008, p. 237- 302. Disponível em: https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/4967206/mod_resource/content/1/Entrando%20nos%20territorios%20do%20territorio.pdf
Acesso em 22 de outubro de 2022.

FONSECA, Maria Fernanda de Albuquerque Costa, com a colaboração de Cláudia de Souza... [et al.]. Agricultura Orgânica, **Regulamentos técnicos e acesso aos mercados dos produtos orgânicos no Brasil**. Niterói : PESAGRO-RIO, 2009. Disponível em: http://ciorganico.agr.br/wp-content/uploads/2012/07/Agricultura_Organica.pdf
Acesso em 13 de julho de 2022.

FRANTZ, Juliana; SALAMONI, Giancarla. **Compreensão do código cultural da gastronomia entre os descendentes de imigrantes alemães no contexto regional do Vale do Taquari/RS**. Rio Grande, 2021, FURG. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-do-municipio-de-Paraiso-do-Sul-RS_fig14_350567899

FRIEDRICH, Fabiana Helma. **GASTRONOMIA E IMIGRAÇÃO ALEMÃ NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL: COLÔNIA DE SANTO ÂNGELO (SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX)**. Santa Maria, 2015, UFSM. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9671/FRIEDRICH%2c%20FABIANA%20HELMMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
Acesso em 18 de novembro de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Editora Atlas, 2002 - 4. ed. - São Paulo. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf
Acesso em 21 de julho de 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, 2008 - 6. ed.. Editora Atlas. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>
Acesso em 26 de julho de 2022.

Lima, Ricardo Everton. **AGRICULTURA FAMILIAR E IDENTIDADE CULTURAL: um estudo teórico**. *Ensaio De Geografia* 2021, 7(13), 31-42. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaio_posgeo/article/view/42651
Acesso em 23 de outubro de 2022.

MONTEIRO, Rafael de Melo. **AS RELAÇÕES DE PODER E A PRODUÇÃO DE TERRITÓRIOS-LUGARES NO CAMPO BRASILEIRO: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA NO ÂMBITO DA GEOGRAFIA AGRÁRIA**. Presidente Prudente: UNESP, 2015. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiaagraria/01.pdf>
Acesso em 11 de novembro de 2022.

NETA, Marina de Camargo Santos; NIENOW, Matheus Nienow; DE SOUZA, Marcelino. **Comunidade que Sustenta a Agricultura- CSA: uma análise bibliométrica**. VII Simpósio da Ciência do Agronegócio 2020, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/218629/001122692.pdf?sequence=1>
Acesso em 21 de novembro de 2022.

PARAÍSO DO SUL. **MAPA**. Disponível em: <https://www.paraisodosul.rs.gov.br/pt/2-uncategorised/14-mapa-do-municipio-de-paraiso-do-sul>
Acesso em 14 de novembro de 2022.

PROJETO IMIGRAÇÃO ALEMÃ. **Colônia de Santo Ângelo**. Brazil Gen Web: Genealogia Brasileira. Disponível em: https://sites.rootsweb.com/~brawgw/alemanha/col_SantoAngelo.htm
Acesso em 20 de novembro de 2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/332764/mod_resource/content/1/Por%20uma%20geografia%20do%20poder%20%281%29.pdf
Acesso em 08 de novembro de 2022.

ROOS, Alana. **ANÁLISE DA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE AGUDO (RS) A PARTIR DA HISTÓRIA AMBIENTAL, AO LONGO DO SÉCULO**

XX. Santa Maria, 2013, UFSM. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9375/ROOS%2C%20ALANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
Acesso em 19 de novembro de 2022.

ROSA, Vanessa de Castro. **AGROECOLOGIA: O CAMINHO PARA UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL SEM AGROTÓXICOS**. UNIARA, Simpósio de Reforma Agrária 2016. Disponível em: <https://www.uniara.com.br/arquivos/file/eventos/2016/vii-simposio-reforma-agraria-questoes-rurais/sessao7b/agroecologia-caminho-desenvolvimento-sustentavel.pdf>
Acesso em 18 de julho de 2022.

SAQUET, Marco Aurélio. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade**. In: Geosul, v22, n° 43, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12646>
Acesso em 23 de Outubro de 2022.

SILVA, Alessandra de Oliveira. **AGROECOLOGIA E RESISTÊNCIA: O SIGNIFICADO DAS PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS NO ASSENTAMENTO PADRE GINO**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18895/4/AlessandraDeOliveiraSilva_Dissert.pdf
Acesso em 13 de outubro de 2022.

SILVEIRA, Miguel Ângelo da; FERRAZ, José Maria Gusman; BASSANI, Marlise A.; **Agroecologia e desenvolvimento territorial**. Embrapa 2006. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/131082/1/2006AA-057.pdf>
Acesso em 23 de Outubro de 2022.

STRENZEL, Marlisa Marlene. **Análise crítico do orçamento público: o caso do município de Paraíso do Sul**. Santa Maria: Sociedade Vicente Pallotti, 2009.

VALE, Ana Lia Farias; SAQUET, Marcos Aurélio; SANTOS, Roseli Alves dos. **O TERRITÓRIO: DIFERENTES ABORDAGENS E CONCEITO-CHAVE PARA A COMPREENSÃO DA MIGRAÇÃO**. UNIOESTE, Francisco Beltrão 2005.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Estudo e de Pesquisa em Administração**. UFSC, Florianópolis 2009. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxvcmlbnRhY2FvZ2VzdGFvcHVibGljYXxneDo2YmM4NzdhZjZjOTFiNGQz>
Acesso em 21 de julho de 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PRODUTORES

- 1- Quantas pessoas moram na propriedade?
- 2- Quantas estão envolvidas na produção agroecológica?
- 3- Algum membro da família tem uma outra ocupação?
- 4- Qual o tamanho da propriedade?
- 5- O que se produz na propriedade? É tudo agroecológico?
- 6- Como aderiu a agroecologia? Quais foram as motivações?
- 7- Como entrou no grupo agroecológico Flor e Ser?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA CO-PRODUTORES

- 1- Como você conheceu o Grupo Flor e Ser Agroecológico?
- 2- Quais foram as suas motivações para participar da CSA? Você já tinha ouvido falar da CSA?
- 3- Como foi o processo de entrada na CSA?
- 4- Na sua opinião qual o maior desafio da CSA?
- 5- Como você percebe a agroecologia na sociedade?